

### 3.

## A análise de criança em Freud: O caso Hans ou abrindo o campo da psicanálise com crianças

Pai de Hans: “E então você ficaria sozinho com mamãe. Mas um bom menino não deseja esse tipo de coisa” [falavam sobre a possível morte de Hanna, irmã menor de Hans]

Hans: “*Mas ele pode PENSAR isso*”

Pai de Hans: “Mas isso não é bom”

Hans: “*Se ele pensa isso, é bom, de todo jeito, porque você pode escrevê-lo para o professor*” \*

\*Muito bem, pequeno Hans! Eu não poderia desejar uma compreensão melhor da psicanálise por parte de nenhum adulto. (FREUD, 1909, p.70)

Logo que começou a cercar-se de interessados pelas descobertas da psicanálise e pelo caminho de retorno ao infantil que a mesma indicava, Freud passou a encorajar alunos e amigos a reunir observações sobre o comportamento sexual das crianças. Dentre eles, encontramos os primeiros relatos a respeito de Hans, um garotinho que tempos depois protagonizaria o importante caso clínico freudiano, publicado em 1909, *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos*. A partir do caso e suas repercussões, veremos como esta obra tornou-se paradigmática para o desenvolvimento de teorias sobre as possibilidades e os limites da técnica psicanalítica com crianças, além de introduzir a questão do lugar dos pais na abordagem do sofrimento infantil.

Lançadas as hipóteses sobre a sexualidade infantil em 1905, a possibilidade de confirmá-las através da observação de crianças pequenas logo pareceu ser um caminho plausível. Incentivado pelas discussões entusiásticas *das quartas-feiras*, o musicólogo Max Graf, amigo de Freud, começou a reunir algumas observações sobre seu primeiro filho, que estava para fazer três anos de idade na época. Freud conhecia bem a família do pequeno Hans; havia tratado a atriz Olga König, mãe da criança, alguns anos antes. Adeptos às descobertas da psicanálise, os pais de Hans haviam concordado em não utilizar na educação do filho, “mais coerção do que a que fosse absolutamente necessária para manter um bom comportamento.

E, à medida que a criança se tornava um menininho alegre, bom e vivaz, a experiência de deixá-lo crescer e expressar-se sem intimidações prosseguiu satisfatoriamente” (FREUD, 1909, p. 16).

É importante dizer que Freud estava preocupado em confirmar suas hipóteses sobre a teoria da sexualidade infantil e o conflito edípico como estruturador da neurose, quando estimulava seus amigos à observação de crianças. Tratava-se de compreender o funcionamento psíquico infantil para assim pensar a clínica da neurose. A observação de crianças logo se tornou objeto de interesse entre psicanalistas. No entanto, comenta Ansermet:

Sabemos hoje que tal projeto não pôde ser realizado. Os debates sobre o que revela a criança observada, que caracteriza a pediatria, não cessaram e, em psicanálise, a criança reconstrói a partir do só-depois. Com a criança reconstruída, partimos da chegada e podemos eventualmente reencontrar a trajetória de seu devir que, no entanto permanece hipotético. Isso não é um problema para a psicanálise, pois o que importa é o saber que o sujeito constrói na atualidade da transferência – atuação, no presente, da realidade do inconsciente (Lacan 1964:133) (ANSERMET, 2003, p. 13).

Os primeiros relatos a respeito de Hans demonstram grande interesse e curiosidade sexual já por volta dos três anos, curiosidade que o orienta a questionamentos sobre a existência, ausência e tamanho dos “pipis” de seus pais, de animais e até mesmo de coisas inanimadas. Nessa época, a criança foi surpreendida em atividade masturbatória e logo foi repreendida por sua mãe com a ameaça de chamar o Dr. A. para cortar fora seu “pipi” se continuasse a tocá-lo. Em resposta ao questionamento da mãe de *como faria pra fazer pipi*, Hans logo apresenta uma solução: “com o meu traseiro”. Neste momento, Hans parecia livre do conflito que levaria à formação de sua fobia, e a ameaça de castração, segundo Freud, teria tido seu efeito *adiado*, articulando-se a neurose da criança tempos depois.

A partir dos quatro anos e nove meses, Hans começou a apresentar sinais da angústia que o levaria à formação de uma fobia de cavalos, “distúrbio nervoso” que passou a ser analisado por seu próprio pai através das orientações do *professor*<sup>2</sup> Freud. Certa manhã, a criança acorda assustada e diz a sua mãe que,

<sup>2</sup> Hans, acompanhado por seu pai, chegou a consultar o Dr. Freud uma única vez, oportunidade em que descreveu *ao professor* todo o medo que lhe causavam os cavalos. Após algumas intervenções do analista, já a caminho de casa, Hans pergunta ao pai: “O Professor conversa com Deus? Parece que já sabe de tudo, de antemão!” (FREUD, 1909, p.45).

enquanto dormia, pensou que ela havia ido embora e ele ficava sem a mamãe para “mimar” junto dele. Segundo Freud, nesse período a afeição de Hans por sua mãe tornara-se intensa e a angústia de separar-se dela, associada a fantasias eróticas da criança, não havia encontrado representação.

[...] quando Hans, no primeiro passeio com a babá, não ia dizer de que tinha medo, isso foi simplesmente porque ele mesmo ainda não sabia ...tudo que sabia era que na rua sentia falta de sua mãe com quem queria “mimar”, e que não queria estar longe dela” (FREUD, 1909, p.31).

Foi após o episódio com a babá, num passeio acompanhado de sua mãe, que Hans expressou pela primeira vez o “medo de que um cavalo o mordesse”. Depois de ter confessado sentir-se mal em continuar colocando a mão no seu *faz-pipi*, os pais concordaram que a masturbação tinha relação estreita com a fobia e chegaram a sugerir a ideia de Hans dormir imobilizado em saco de dormir, como medida de diminuir suas angústias noturnas. De fato, a sexualidade do filho gerava muito incômodo nos pais.

Muito frequentemente, Hans dormia com os pais e, durante as férias em *Gmunden*, na ausência do pai, a criança dormia sozinha com sua mãe o que alimentava suas fantasias eróticas em relação a ela e acentuava seu conflito edípico. O recurso ao cavalo como objeto fóbico, mais que um representante simbólico de sua angústia, parecia significar o substituto do pai aterrorizador de que Hans necessitava para sentir-se barrado em seus desejos incestuosos.

Durante a análise, a criança deslocava os elementos fóbicos a cada novo enigma que aparecia. “Ele não tinha medo só de cavalos o morderem – logo silenciou a respeito desse ponto –, mas também de carroças, de carroças de mudanças, de ônibus... de cavalos *caindo...*” (Freud, 1909, p.113). Hans expressava, em suas fobias, o enigma da gravidez de sua mãe e surgimento de sua irmãzinha Hanna, além dos sentimentos ambivalentes em relação ao pai, que deveria cair, mas também podia puni-lo por seus desejos através do horror que sentia ao pensar que o cavalo estava morto. Conforme o autor, “havia medo *de* seu pai e medo *por* seu pai” (Freud, 1909, p.47).

Pai: “O cavalo estava morto quando caiu?”

Hans: “sim”

Pai: “E como você sabia disso?”

Hans: “Porque eu vi.” (Riu) “Não, não estava nada morto” (FREUD, 1909, p. 52).

Há de se reconhecer que eram tempos sexualmente mais repressores. Não deve ter sido fácil para o pai de Hans se deparar com a liberdade expressiva de uma criança, e, ainda hoje, frequentemente, não o é para o psicanalista. Gutfreind (2008) destaca o quão revolucionário foi o fato de um pai se dispor a aceitar a sexualidade do filho, acolher suas angústias, desejos, e impulsos agressivos, a ponto de suas intervenções – apesar de tantas vezes exaustivas – terem tomado, com o decorrer da análise e indicações de Freud, um tom mais lúdico capaz de despertar o interesse da criança pelo trabalho analítico: “*Estou tão contente, sabe? Fico sempre contente quando posso escrever para o Professor.*” Revelou, certa vez, a criança.

O interessante do caso é perceber o quão complexo é a capacidade da criança de construir explicações e fantasias a partir do que experimenta. O encontro com a diferença sexual, as brincadeiras com outras crianças, a gravidez da mãe e seu gradativo afastamento com a chegada da irmãzinha Hanna, a questão da origem dos bebês são temas sempre em movimento na análise de Hans. Num artigo publicado em 1908, *Sobre as teorias sexuais infantis*, Freud já indicava a disposição da criança em interpretar, construir teorias capazes de circunscrever os pontos obscuros e enigmáticos deixados, muitas vezes, pelo adulto. De acordo com o autor, o desconhecimento da existência da vagina, por exemplo, permite às crianças formular a teoria de que: “Se o bebê se desenvolve no corpo da mãe, sendo então retirado, isto só pode acontecer através de um único caminho: a passagem anal. *O bebê precisa ser expelido como excremento, numa evacuação*” (Freud, 1908, p.198).

Completamente envolvido com a questão do surgimento de sua irmãzinha, o pequeno Hans expressava em suas fantasias o reconhecimento da relação entre as mudanças corporais de sua mãe durante a gravidez e o nascimento, tempos depois, da irmã, demonstrando não aceitar inteiramente a teoria da cegonha.

Pai: “Mas isso não foi no ano passado. Hanna não estava viva então”

Hans: “*Sim, ela estava viva nessa época. Mesmo quando ela ainda estava viajando na caixa...*”

Pai: “Mas ela não estava conosco de jeito nenhum naquela época”

Hans: “Oh, sim, ela estava; ela estava com a cegonha”.

(FREUD, 1909, p.73)

A criança suspeitava a “verdade” ocultada sobre a existência de Hanna antes mesmo do nascimento dela. Hans se apoiava nos contos infantis e ditos do adulto, tanto para elaborar em suas fantasias os desejos despertados no conflito edípico, quanto para tentar resolver questões que lhe traziam muita angústia. É verdade que Hans contava com um pai disposto a escutar suas angústias e a incentivar a livre expressão de seus pensamentos, além de uma mãe que, embora apresentasse dificuldade em acolher com liberdade sua curiosidade sexual, permitia o diálogo e os questionamentos do filho. Segundo Gutfreind (2008, p.34), “Hoje se pensa que a ausência de recursos psíquicos nos pais pode até mesmo inviabilizar a análise dos filhos. Hans e seus pais tinham recursos, apesar das dificuldades. Talvez por isso a análise tenha sido possível”.

A grande sacada de Freud foi ter percebido que as dificuldades do garoto tinham a ver com o relacionamento do casal parental e o modo como cada um deles se relacionava com a criança. Parecia clara a relação entre a neurose fóbica de Hans e a tentativa dele em organizar-se frente às vicissitudes do complexo de Édipo-Castração.

Lacan (1956-57), em sua leitura do caso publicada no seminário *A relação de objeto*, retoma uma questão interessante: se seu desenvolvimento, até então, transcorria de modo satisfatório, se tinha uma educação em que pouco se via frustrado ou privado, *com o que o pequeno Hans é confrontado?*

Seguindo o texto freudiano, Lacan destaca que, antes do aparecimento da fobia, a criança estava “o tempo todo fantasiando o falo, interrogando a mãe sobre a presença do falo na mãe, depois no pai, depois nos animais” (Lacan, 1956-57, p.231). A partir do momento em que essa agitação pulsional se apresenta como algo real: o pênis, a masturbação, aparece então a angústia. Se até ali a criança se molda como aquilo que pode satisfazer a mãe, nesse momento ela se vê “confrontada com a hiância imensa que existe entre satisfazer uma imagem e ter algo de real para apresentar” (Lacan, 1956-57, p.232). Para Lacan, o que é decisivo nessa experiência é que “aquilo que ela tem, afinal de contas, para apresentar aparece – disso temos mil experiências na realidade analítica – como algo miserável”.

Ainda, de acordo com o autor, Hans havia inclusive anunciado seu objeto fóbico quando respondeu à mãe: “*Se você tem um faz-pipi, deve ter um faz-pipi muito grande, como um cavalo*”. A questão girava em torno da potência fálica e o

trabalho analítico parece ter culminado justamente no ponto em que a castração como tal pode ser articulada na história do bombeiro, um dos últimos “pensamentos” de Hans apresentados no relato. Mas, voltemos ao caso.

Seguindo os princípios analíticos, Freud ia pacientemente abrindo caminhos ao Pai de Hans sobre os conteúdos que apareciam nos relatos da criança e, aos poucos, o próprio Hans demonstrou grande interesse em compartilhar seus “pensamentos” com o pai, para que este pudesse escrever ao professor – conforme destacamos acima – que poderia ajudar a acabar com a “bobagem” que vinha sentindo.

Sobre o momento em que começou sua “bobagem”, Hans contou ao pai que costumava “brincar de cavalos” com as crianças de Gmunden e, depois, porque “eles ficavam dizendo ‘por causa do cavalo’, ‘por causa do cavalo’ (ênfaticamente o ‘por causa de’)”, acreditava ter ficado com a “bobagem” pelo modo como eles falavam. Em nota, Freud foi preciso ao atentar para a questão da palavra na escolha dos objetos fóbicos de Hans:

[...] a pequena palavra ‘wegen’ [‘por causa de’] foi o meio que favoreceu a fobia estender-se, desde cavalos, até *Wagen* [‘veículos’] ou ‘*wägen*’ [que se pronuncia exatamente como ‘wegen’], como Hans estava acostumado a pronunciar e a ouvir pronunciarem. Jamais se deve esquecer como as crianças tratam as palavras, mais concretamente do que fazem as pessoas adultas e, em consequência, como também lhes são tão significativas as semelhanças sonoras das palavras. (FREUD, 1909, p.59)

A questão da origem e do desejo era central na fobia de Hans. Às voltas com o “complexo do *Lumpf*” – com o hábito de acompanhar a mãe ao banheiro, e os problemas de constipação – a angústia de Hans parecia, segundo Freud, referir-se ao problema de saber se “sua mãe gostava de ter filhos (como ele, de brincar) ou se era obrigada a tê-los, como ele era obrigado a ir ao banheiro” (Gutfreind, 2008, p.124), descontente por ter de interromper a brincadeira. Banheira, caixas, carroças carregadas, e um certo temor pela “queda” de algo – “os cavalos vão cair”, costumava dizer; sua irmãzinha podia cair e morrer durante o banho – eram indícios claros de que a criança tentava elaborar tais questões. Em nota, Freud declara: “nós não usamos a palavra ‘*niederkommen*’ [literalmente ‘vir para baixo’] quando uma mulher dá a luz?” (Freud, 1909, p.90).

Na ausência de uma explicação convincente para seus questionamentos, vinda por parte do adulto, Hans seguia construindo suas versões. A primeira fantasia do bombeiro foi exemplar: “*eu estava no banho, e então veio o bombeiro e desparafusou a banheira. Depois ele pegou uma grande broca e bateu no meu estômago*” (Freud, 1909, p. 64). O ventre (banheira), a grande broca (pênis), o desparafusar (abertura), todos os elementos estavam lá, e Hans tentava dizer, mesmo que de forma distorcida, que tinha representações sobre a gravidez, o parto e o aparecimento da irmãzinha Hanna. Seguindo suas fantasias e brincadeiras, a criança pôde ressignificar suas angústias, acolher seus desejos e submeter-se à castração humanizante. Observando-o brincar com os filhos imaginários, o pai de Hans lhe pergunta:

Pai: “Alô, seus filhos ainda estão vivos? Você sabe muito bem que um menino não pode ter filhos”.  
 Hans: “Eu sei. Antes eu era a mamãe deles, *agora eu sou o papai deles*”  
 Pai: E quem é a mamãe das crianças?  
 Hans: “Ora, a mamãe, e você é o *vovô* delas”.  
 (FREUD, 1909, p. 91)

Por meio do brincar, o pequeno Hans reorganizava o quadro familiar segundo seu desejo. Apoiando-se na ideia de que seu pai, assim como ele próprio, casara-se com sua própria mãe (avó paterna de Hans), a criança tornara o pai, avô de seus filhos. Tempos depois relata, com resistência, uma reformulação da fantasia do bombeiro: dessa vez o bombeiro lhe retirara o traseiro e o pipi e depois lhe dava outros novos e maiores! Estava superado o medo de castração. Após alguns dias, segundo o relato das cartas que sua mãe enviou à Freud, o pequeno Hans parecia restabelecido e alegre.

Como podemos observar, e esse era o principal interesse de Freud, o caso Hans confirmava as teses sobre o conflito edípico e sua relação com os princípios estruturadores da neurose. Mas algo parecia ir além. O aparecimento do sofrimento na criança desencadeara toda uma mobilização dos pais no sentido de procurar a ajuda de um terceiro, o Dr. Freud. Era necessário ouvir. E Freud já havia tratado a mãe do pequeno Hans alguns anos antes, embora, de modo geral, ela pouco aparecesse no caso, Freud ouvira a queixa do pai: “*sem dúvida, o terreno [para o surgimento da fobia] foi preparado por uma superexcitação sexual devida à ternura da mãe de Hans*” (Freud, 1909, p.29).

Apesar de compreender as ansiedades dos pais, Freud alertava: “não é nosso dever ‘compreender’ um caso logo à primeira vista” e seguia, pacientemente, os sinais deixados pela criança e por seus pais. “Neste sentido, pode-se dizer que Freud foi um precursor na valorização dos cuidadores de uma criança. Sem cuidar de quem realmente cuida, é difícil aprofundar ou manter a análise dos pequenos” (Gutfreind, 2008, p.29).

De fato, Rosenberg (2002, p.34) nos lembra: “foi a própria transferência do pai de Hans com o “professor” que inaugurou esse campo analítico”, ou seja, a possibilidade do tratamento de Hans foi efetivada pela confiança dos pais em relação ao lugar de saber em que Freud foi colocado. Se os pais não inauguram esse lugar na transferência, como sustentar um trabalho que inevitavelmente os envolve enquanto sujeitos de desejos inconscientes e enigmáticos para a criança? Pensamos ser este o ponto de grande contribuição do caso clínico freudiano à psicanálise com crianças. Se, por um lado, o autor encarava o uso da psicanálise com os pequenos apenas como “experiência pedagógica”, por outro, ele foi capaz de reconhecer a sensibilidade da criança às intervenções de uma análise.

Hans era uma criança inteligente e com uma fluência verbal e imaginativa surpreendentes, fato que nos leva a crer que não haveria dificuldade alguma quanto ao uso da técnica clássica, desenvolvida para adultos, na clínica com crianças. Contudo, surge uma pergunta fundamental: como ter acesso aos conteúdos inconscientes da criança se nem sempre ela dispõe de uma linguagem verbal bem estruturada para expressar-se livremente? Como seria possível analisar crianças pequenas?

Mais uma vez encontramos na obra de Freud algumas indicações de que esse acesso existe. No texto *Escritores criativos e devaneio* (1908), o autor faz uma aproximação entre o brincar da criança e a atividade do escritor: ambos estariam pautados na criação de uma nova realidade, pois ao criar um mundo próprio, tanto o escritor quanto a criança reajustam os elementos do mundo do modo que mais lhes agrada. As fantasias, os devaneios, o próprio brincar aparecem como recursos para enfrentar realidades traumáticas e reorganizar a realidade no sentido do princípio do prazer. “As forças motivadoras das fantasias são os desejos insatisfeitos, e toda fantasia é a realização de um desejo, uma correção da realidade insatisfatória.” (Freud, 1908, p. 137).

Em 1920, no texto *Além do princípio do prazer*, Freud faz uma nova referência ao brincar infantil como mecanismo de enfrentamento de uma experiência traumática via simbolização oferecida pelo jogo. O *fort-da*, jogo criado por uma criança de 18 meses (neto de Freud), consistia em fazer desaparecer (*fort*, ir embora) e reaparecer (*da*, aqui) um carretel sob domínio da criança. Para além de proporcionar grande prazer à criança, Freud observara que se tratava de um movimento próprio de simbolização da ausência da mãe, que sofrida passivamente pela criança poderia passar para seu controle ativo e encontrar um sentido no jogo.

Percebemos, então, que o brincar tem um lugar central na estruturação psíquica da criança. Lacan vai apontar o jogo do *fort-da* (jogos de ocultação) como uma primeira etapa do processo de simbolização da dialética presença-ausência fundamental à constituição do sujeito. Experimentada inicialmente de modo passivo – afinal, o bebê não controla a ausência e a presença de sua mãe, embora o recurso do choro seja uma tentativa desse controle – a criança pode se tornar o sujeito da ação e, na brincadeira, controlar o objeto que dá suporte à simbolização da experiência desprazerosa. Com o brincar estariam lançadas as bases para uma psicanálise com crianças? Vejamos o caminho tomado pelas pioneiras nesta clínica e o modo como elas e alguns outros teóricos posteriores articularam, em sua prática e teoria, o lugar dos pais no tratamento de crianças.